

O rei do pop está morto! E viva o rei para sempre!

Eva P. Bueno *

Resumo: Este texto discute os assuntos trazidos à tona devido à morte do cantor Michael Jackson, e analisa aspectos da nossa cultura em relação à chamada "cultura ocidental."

Palavras-chave: Michael Jackson, musica, cultura, ídolos, Brasil.



obapuru, por Tarsilla do Amaral 1

E não é que ele morreu mesmo? No começo, as notícias eram que ele tinha tido um “colapso,” e depois um de seus numerosos irmãos disse que ele estava “muito mal.” Depois vieram os rumores que ele estava em coma. Finalmente, no fim da tarde, o anúncio foi que Michael Jackson tinha morrido de um ataque cardíaco.

Mas como é possível tal coisa? Um homem jovem, bailarino, em forma, como poderia ter morrido de um mal que sempre associamos com pessoas mais velhas, ou gordas, ou com um estilo de vida que afeta o coração? A não ser que.

Imediatamente, as especulações começaram. O corpo estava literalmente ainda morno, quando os comentaristas na televisão, no rádio, nos jornais, se alinharam para dar suas opiniões. Depois, vieram as entrevistas com gente que teve qualquer coisa que ver com o cantor.

Veio por exemplo a enfermeira, que disse que ele lhe havia implorado, há um ano atrás, que lhe conseguisse um remédio para dormir. De acordo com a enfermeira, Michael Jackson queria um remédio específico, mas, na opinião dela, este remédio poderia matá-lo, e por isto disse ao cantor que não queria saber de nada daquilo. Evidentemente, ou ela se despediu da posição, ou ele a despediu, porque não era mais sua enfermeira quando ele morreu.

Vieram alguns dos irmãos dar depoimento diante das câmeras. Veio gente que se associava com Michael Jackson profissionalmente, seus diretores, coreógrafos, colegas. E quem pode esquecer as longas entrevistas com o seu médico de pele, dizendo inicialmente que não tinha prescrito nada do que se dizia que o cantor tinha tomado. Mais tarde, quando as especulações sobre quem é o pai biológico dos dois filhos mais velhos de Jackson, este mesmo médico disse que “que ele saiba,” o menino e a menina não são seus filhos. São filhos da ex-mulher de Jackson, e eles nasceram durante o tempo em que estavam casados. Mas os jovens não se parecem em nada com Jackson. E aí entra uma outra questão: com quem se parecia Michael Jackson?

Como ficou abundantemente claro durante a longa semana de “comemorações da sua vida” e “retrospectivas,” a aparência de Michael Jackson mudou tanto nos últimos anos que ninguém ao certo sabia qual era a sua cor, o formato do seu rosto, do nariz, dos dentes, e dos cabelos. Dentre os muitos vídeos que foram mostrados, apareceu um que explica o que aconteceu com seu cabelo: durante a gravação de um vídeo para um

* Professora de Espanhol e Português, Literaturas Latino Americanas, Brasileira, e Norte Americana.

comercial, o cabelo do cantor pegou fogo. Isto pode explicar porque ele teve que usar peruca o resto da vida. Quanto à cor, há uns anos ele disse que estava sofrendo de vitiligo, a doença que causa enormes manchas descoloridas na pele, e que a única solução foi clarear todo o corpo.

Mas de uma certa maneira, todos já sabíamos destas coisas todas. Michael Jackson tinha dado uma entrevista a um programa de televisão em que ele até tinha explicado a razão de uma “pequena cirurgia” no seu nariz: seu pai teria feito piada do seu nariz original. De uma certa maneira, pode-se dizer que ele viveu sua vida mesmo sob o escrutínio das revistas, da tevê, e do público. Houve controvérsias e “revelações” quando ele se casou com a enfermeira do seu médico, e ela teve dois filhos. Mais tarde, depois que eles se separaram, Michael Jackson “teve” outro filho, de outra mulher. As revistas de escândalos se deliciaram e se fartaram quando ele foi acusado de abusar de meninos que ele tinha convidado a virem ao seu rancho em Califórnia, Neverland.

Então, de repente, houve um silêncio: Jackson se mudou para Bahrain, para ficar longe de tudo. Para a maioria das pessoas, que não vive a par do dia a dia dos artistas, ele ainda estava lá quando morreu. De repente, não mais que de repente, todos descobriram que amavam Michael Jackson. E, energizados pelas incessantes imagens na televisão e nas revistas, todos descobriram que sentiam falta dele, e que achavam que ele era um grande artista. De repente.

Pobre Los Angeles! Já em franca falência financeira, e ainda combalida de ter tido que pagar a metade das despesas com as comemorações do campeonato de basketball que o time da casa ganhou recentemente, ainda teve que arcar com as despesas do memorial de Michael Jackson. A conversa por aqui foi que a família Jackson se dispôs a pagar a metade, mas nada ficou confirmado. Não se sabe quantos milhões de dólares foram gastos para se usar o estádio, arrumar, decorar, convidar os artistas, pagar os policiais que coordenaram o trânsito e a segurança.

Por que houve tanto rebuliço? Por que ainda as pessoas se interessavam tanto por esta pessoa? Por que de um momento para outro seus CDs começaram a ser vendidos aos milhares?

Uma razão pode ser que as pessoas tinham se esquecido de Michael Jackson, pelo menos no plano do consciente. Com tantos problemas para ocupar a vida de todos — ameaças de ataques terroristas, duas guerras, crise financeiras, outros escândalos (Jen está namorando quem? Brad Pitt saiu de casa! Os gêmeos estão desaparecidos! Angelina fez plástica, etc. etc.), Jackson tinha sido relegado à categoria dos “artistas do passado.” De uma certa forma, ele já tinha literalmente dado a pele pela fama que teve. O público tinha “cansado” dele. Mas, com a sua morte, houve algo que podemos caracterizar como um sentimento de culpa coletivo. Como pudemos esquecer-nos dele! Veja que grande artista! Veja que ele foi o maior artista. O maior de todos! O mais sábio! O mais gentil! O mais talentoso! E dá-lhe comprar os CDs. E chorar em público. E abraçar suas fotos. E comprar mais CDBs. E mais posters.

Talvez, com a morte de Jackson, pudemos ter uma revisão das outras mortes famosas nos Estados Unidos, uma das quais comemorada com a mesma fanfarra: a de Elvis Presley. Tal como Jackson, nos seus últimos anos ele tinha caído no mesmo esquecimento do público. Embora a sua vida particular não tenha atraído tantos escândalos, tal como Jackson, Elvis Presley vivia altamente medicado, e sua morte colheu a todos de surpresa. No caso de Elvis, sua perda trouxe uma onda nostálgica

pelos “anos inocentes” quando ele começou a ficar famoso, os anos sessenta. Já no caso de Jackson, não foi por acaso que sua morte provocou a venda aos milhares do seu disco que mais lembra os anos oitenta, “Thriller.” Em ambos casos, a fanfarra ao redor do funeral ajuda a vender mais, e beneficiar mais a família, a companhia que se havia criado sob os nomes do cantores.

*

A cultura da celebridade é algo que rende milhões e milhões de dólares. Logicamente, os primeiros beneficiados são os artistas e suas famílias. Mas além deles existe toda uma indústria. Vejamos por exemplo o caso de Marilyn Monroe. Quando ela morreu, não existia um sistema tão bem organizado como existe hoje, mas isto não impede que sua imagem continue rendendo. Basta perguntar a quem tem reproduções de fotos suas colocadas em posters, bolsas, travesseiros, perfumes, e não se sabe mais que tipo de produtos.

Por que as pessoas comprem estas coisas? Aí no Brasil, embora a nossa indústria de celebridades ainda não esteja no mesmo ponto que aqui nos Estados Unidos, também vendem muito as revistas com fofocas sobre artistas, e certamente muitas pessoas comprem os posters e fotos para adornar seus espaços pessoais com seus ídolos favoritos. Em muitas casas, existem ainda fotos de Ayrton Sena. Sua morte, tão inesperada e brutal, explica parte da fascinação que perdura. A questão, para nós brasileiros e para todos que não nascemos nem fomos criados no “primeiro mundo,” é que em geral recebemos as imagens, informação, e “lixo cultural” de países como os Estados Unidos. Por isto, além de nossos próprios ídolos, temos os dos outros também. Isto me lembra uma outra canção composta por Márcio Borges, Fernando Brant, e Lô Borges, cantada pelo Milton Nascimento, “Para Lennon e McCartney,” em que a letra diz,

“Eu sou da América do Sul
Eu sei, vocês não vão saber
Mas agora sou cowboy
Sou do ouro, eu sou vocês
Sou do mundo, sou Minas Gerais...”¹

Mas não são só os artistas que ocupam este espaço do nosso imaginário social: houve um tempo — na juventude dos meus pais, por exemplo — em que as pessoas compravam gravuras de figuras de santos, anjos, Jesus Cristo.² Hoje, embora algumas casas ainda tenham as tradicionais gravuras religiosas, a maioria compra gravuras de

¹ O problema é que nós sabemos de Lennon e McCartney mas eles só sabem (se é que sabem) de nós dentro de um contexto em que exista o exótico. São muito poucos os nossos artistas que conseguem romper as barreiras e ter uma presença na cultura de outros países, especialmente dos países ricos do norte. Este é um assunto muito complexo, e há livros e mais livros sobre ele.

² Por falar em hegemonia de algumas regiões, já reparou que a maioria dos santos são da região hoje chamada “Itália,” e a maioria dos demais são do que se chama “Europa”? Grandes fanfarras foram tocadas no México quando Juan Diego, o menino índio da história do aparecimento da Virgem de Guadalupe, foi canonizado. “Ele é o santo americano,” disseram muitos. O primeiro, o único. Em contraste, qualquer pessoa que faça uma pequena viagem pela Europa — qualquer país — sabe que se vai literalmente tropeçando em santos por lá. Alguns deles chegam até nossos países da América do sul e são venerados. A questão dos santos, mesmo para quem não pertence à religião católica, é importante, porque estas pessoas chamadas santas são também figuras históricas. Tomemos o exemplo de José de Anchieta, ou da escrava Anastácia (seja ela uma personagem histórica ou um mito). A vida (ou história) de dada uma destas pessoas ajuda a contar um aspecto da nossa caminhada em direção ao país que somos hoje.

artistas, e mesmo de lugares considerados “bonitos” e icônicos: Havaí, Nova Iorque, Miami, Rio de Janeiro.

O mesmo fenômeno pode ser visto na compra de reproduções de obras de artistas famosos. Quantas casas têm gravuras de Picasso, Rembrandt, Klee, Portinari, Volpi, Tarsilla do Amaral? Nem todas estas gravuras mostram coisas bonitas, certamente. Uma pessoa que compra uma reprodução de “Guernica,” por exemplo, está ao mesmo tempo demonstrando seu gosto, seu conhecimento histórico (especialmente dos horrores da guerra civil espanhola) e sua apreciação pela arte ocidental, enquanto quem tem uma reprodução de “Obapuru” mostra seu conhecimento e conexão com os modernistas de 1922 e a arte brasileira. Quem compra reproduções de Alfredo Volpi, mostra que segue a história da arte no Brasil (e gosta de bandeirinhas). E assim por diante.

Será que esta necessidade de adornar nossos espaços com fotos, gravuras, de artistas, de lugares e seres famosos (sejam eles Jesus Cristo, Marilyn Monroe, Elvis Presley ou Michael Jackson) representa uma necessidade que temos de crer em algo que vai além de nós? Ou seria a nossa necessidade de nos conectarmos com algo que está relacionado à nossa cultura e a outras pessoas?

O que a ornamentação de nossos espaços com estas representações de arte e de artistas de nosso tempo e de outro tempo diz é que estamos conectados. Estamos dentro da cultura. Somos parte de um todo maior que nós mesmos. E, quando havíamos esquecido quem éramos e com quem estávamos conectados, uma morte como a de Michael Jackson, ou de Elvis Presley, nos lembra. A dor da perda, especialmente quando não estávamos completamente conscientes do que tínhamos, é ainda maior.

Michael Jackson, com seu nariz consertado, sua peruca, sua pele clareada, vive em cada um de nós, quer queiramos quer não. Felizmente, vive também sua música, sua dança. E felizmente de novo, não vive só ele, mas também “Guernica,” “Obapuru,” *Gabriela cravo e canela*, Ayrton Senna, Roberto Carlos, Pelé, Chico Buarque, *Grande sertão: veredas*, Macabéa, Djavan, Tônico e Tinoco, *Dom Casmurro*, a quinta sonfonia, “Central do Brasil,” bolo de fubá, Rita Lee, o tango de Ravel, tutu à mineira, Mazzaropi, Maradona, Leonard Cohen, feijoada, Xuxa, Grande Otello, música sertaneja, pão de queijo, as novelas da tevê, Elvis Presley, e um bocadinho de todas as religiões, mais os artistas e políticos preferidos regionais e nacionais de cada um. A melhor maneira de lidar com tudo isto (“o lixo ocidental,” como já dizia a música de Milton Nascimento, ou o “lixo e o luxo” como prefiro) é começar por reconhecer a sua existência e permanência em nós mesmos. Nem estes ídolos existiriam sem nós, nem nós sem eles.